

SER DE ESQUERDA, NA EUROPA

por Mário Soares

No mundo tão complexo e contraditório deste início do século XXI, nomeadamente no Ocidente, a Esquerda política e social, parece estar à deriva na Europa.

O colapso do comunismo, identificado com o totalitarismo - os Goulags, o desrespeito pelos Direitos Humanos, o atraso económico e tecnológico, etc. - criou um vazio que foi preenchido pela ideologia neo-liberal. Esta, insensivelmente, "colonizou" a Europa, tanto os Governos presididos por socialistas, trabalhistas ou social-democratas como os democratas cristãos, alguns convertidos a populares, as duas famílias políticas que, historicamente construíram a Europa, desde o Tratado de Roma, em 1957, até ao impasse em que hoje se encontra.

Essa "colonização" ideológica neo-liberal desacreditou socialistas e social-cristãos, que aliás haviam sido os responsáveis pelos progressos das sociedades de bem estar das quatro últimas décadas. A distinção entre Esquerda e Direita, esbateu-se, abrindo caminho a políticas "neo-liberais" conservadoras, particularmente no plano social, corroendo algumas das conquistas sociais e políticas que marcaram a Europa do post-guerra.

O descrédito da política - e dos políticos, sem convicções fortes - a utilização generalizada do marketing, na política, e o advento de democracias mediatizadas, ao serviço de interesses económicos, curto-circuitaram a representatividade dos Parlamentos, diminuíram o peso dos partidos políticos - como se não houvesse diferenças entre eles - enfraqueceram o movimento sindical abrindo caminho ao populismo (que já na Grécia significava tirania).

Felizmente que o neo-liberalismo, como ideologia global, está a entrar, também ele em decadência, em especial na América do Norte, como o descrédito da Administração Bush comprova, em todos os domínios.

Contudo, o fenómeno da má reputação da política e dos partidos está a ocorrer em toda a Europa. O economicismo manda e o dinheiro é rei. A solidariedade é um valor pouco cotado em sociedades extremamente individualistas, sem ética nem princípios ou Causas a defender. Cada um procura desembaraçar-se como pode. A Esquerda tradicional - e a nova esquerda alteromundialista - estão à deriva, sem rumo claro, sobretudo em termos europeus.

O que se passa em França, com Sarkozy a pescar à linha socialistas, para políticas erráticas e populistas, é verdadeiramente uma vergonha. E, simultaneamente, um sintoma do que pode vir a acontecer noutros países, se não vieram a soprar, como espero, novos ventos de justiça, de racionalidade e de progresso.

O *Nouvel Observateur*, no seu último número, perguntava-se, a propósito de um livro de Bernard-Henry Lévy: "Como ser ainda de Esquerda?". E adiante: "As clivagens (ideológicas) fazem ainda sentido"?

Atrevo-me a responder: fazem mais do que nunca sentido. Ser de Esquerda hoje, a meu ver, para um europeu, não é só ter um passado coerente, anti-fascista, anti-colonialista, a favor dos Direitos Humanos e da igualdade entre homens e mulheres; é ser a favor de uma democracia económica e social (e não de uma "democracia liberal"); é lutar contra as desigualdades sociais; ser a favor de uma Europa Política e Social, capaz de ser solidária para com todos os outros Regiões do Mundo onde se sofre; e a favor das Grandes Causas da defesa do Ambiente, dos Direitos Humanos e da igualdade de todos os seres humanos, independentemente do sexo, opção sexual, raça, religião ou condição social; é ser pelo primado da política sobre a economia, da ética, contra a mistura explosiva do negociado e da política; é ser tolerante e aceitar o outro, como diferente de nós, partidário do multiculturalismo e da laicidade, ou seja, a favor da separação do Estado e das Igrejas; a favor de um sistema capaz de corrigir as desigualdades, de um Estado de Direito, interveniente, mormente no campo da saúde, da justiça, do ensino, do conhecimento e do aproveitamento dos melhores.

Será pouco, como diferença?

Lisboa, 11 de Outubro de 2007